

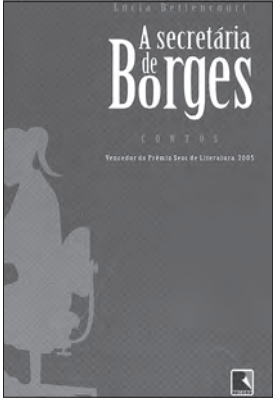
A PARTIR DO FEMININO

Contos de **A SECRETÁRIA DE BORGES**, de Lúcia Bettencourt, problematizam os impasses da mulher urbana e contemporânea

MARCIO RENATO DOS SANTOS • CURITIBA – PR

Um sujeito, devido a muito esforço, graças ao acaso ou mesmo por nada, torna-se um vencedor e — automaticamente — desperta algo nos demais. Neste contexto que se chama universo literário, então, quem abocanha algum prêmio pode vir a provocar, mesmo que não queira, uma série de reações em seus pares. Da admiração à inveja. Da curiosidade ao ódio. Das palmas a facadas pelas costas. Imagine, ainda, quando um escritor ganha um prêmio que proporciona visibilidade nacional. Suponha, também, que o ganhador seja, até então, um anônimo desconhecido. Qual a reação dos habitantes do planeta literatura brasileira? Em breve, leitores de todo o país, finalmente, terão a oportunidade de vir a ler o gaúcho radicado em Curitiba Otto Leopoldo Winck. Ele chegou na frente no concurso promovido pela Academia de Letras da Bahia com o romance **Jaboc**. Naturalmente, deve haver, no mínimo, algum desejo curioso de saber qual é a literatura de Otto Leopoldo Winck. E, humanamente previsível, deve haver muita maledicência. “Concursos só estimulam a sublitteratura”, diz uma voz. “Que nada. Concursos revelam talentos”, rebate outra voz. Talvez, também haja algum interesse, neste sistema literário do Brasil, em saber por que **A secretária de Borges**, de Lúcia Bettencourt, venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2005. Afinal, a obra já circula em diversos pontos de venda do território brasileiro e tem o selo da casa editorial que publica desde Graciliano Ramos e Jorge Amado a Luiz Ruffato e Nelson de Oliveira.

A proposta literária de Lúcia Bettencourt, a exemplo do que se lê em **A secretária de Borges**, tem o foco direcionado, sobretudo, para a presença feminina no presente. Na maior parte dos



A secretária de Borges
Lúcia Bettencourt
Record
174 págs.

17 contos, os protagonistas são personagens femininos. É, entre outros detalhes, a partir da presença feminina, e seu diálogo e interlocução com outros personagens, que se faz a ficção de Lúcia Bettencourt. Seja ao apresentar a mulher recém-separada que passa a conhecer os prazeres de um encontro inesperado, único e volátil, ou quando uma jovem constata que a sua avó um dia também usufruiu disto que se chama juventude ou ao problematizar a respeito das arestas da relação de uma mãe com a namorada de seu filho, a literatura desta autora urbana recria, faz pensar e trata de impasses deste tempo contemporâneo.

A tradição e a própria voz

Em alguns dos 17 contos, Lúcia Bettencourt dialoga direta e profundamente com a tradição. São textos inventivos em que a escritora carioca se alimenta literariamente da obra ou da vida de outros autores. O conto que empresta o título ao livro é uma prova disto. *A secretária de Borges*, a exemplo do que o nome sugere, apresenta a possível auxiliar que, hipoteticamente, teria sido a responsável por parte significativa da obra do gigante argentino:

Tornei-me o autor mais festejado de meu país, sou um sucesso em vida e serei um clássico após a minha morte. Ela, no entanto, não passa de um fantasma. Depende de mim para ter seus textos publicados e ninguém acreditaria se, um dia, ela revelasse ser a verdadeira autora de meus livros. (p. 21)

O universo borgiano foi impulso para uma possibilidade literária. Assim como o mundo fictício elaborado por Franz Kafka também fertilizou o imaginário de Lúcia Bettencourt. O resultado se traduziu em *O inseto*. Neste conto, uma personagem passa a conviver com uma barata que se humaniza e se torna, por um breve período, companhia cotidiana:

Ela encarou o habitante da área, olhando-o com severidade e sem simpatia. Seu rosto triangular exibiu uma barba de muitos dias, mas sua aparência havia se modificado muito, humanizara-se a ponto de tornar quase imperceptíveis os traços que ainda lembravam o inseto. (p. 66)

Lúcia Bettencourt também se valeu de elementos históricos para compor outros textos de ficção, entre os quais *Herodíades* e *Os três últimos dias de Marcel Proust*. No entanto, os destaques são os contos em que a autora procura encontrar a própria voz literária — quando a presença da herança da literatura de todos os tempos é sutil.

Os contos intensamente autorais de Lúcia Bettencourt aglutinam recursos usados, por exemplo, em crônicas — sobretudo ao recriar estilhaços do cotidiano —, mesclados com artifícios literários, como elaboração de personagens, diálogos e intensidade rítmica. A prosa desta autora trata, sim, de impasses do tempo presente — por exemplo, a inescapável solidão — com e a partir de uma linguagem que reverbera a oralidade e a escrita ágil, fluente e de fácil comunicação destes dias.

O prêmio literário foi o passaporte que Lúcia Bettencourt recebeu para ingressar na vitrine do universo literário. Mas a ficção que ela produz, por si só, irradia força suficiente para que a própria obra, apesar da premiação, dialogue com autores e leitores brasileiros, universais. 📖

Lúcia Bettencourt é carioca. Graduada em português-literaturas pela UFRJ. Armazena no currículo experiência como professora na Faculdade Notre-Dame, em Yale. É vencedora de alguns prêmios literários, como o I Concurso Osman Lins de Contos com *A cicatriz de Olímpia*. *A secretária de Borges* venceu o Prêmio Sesc de Literatura 2005, na categoria contos.

PREVISÍVEL TÉDIO

HOJE ESTÁ UM DIA MORTO, de André de Leones, é apenas a história da falta de perspectiva de seus protagonistas

ANDREA RIBEIRO • CURITIBA – PR

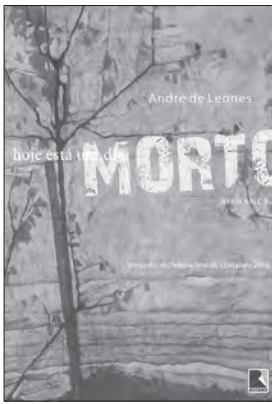
Tédio. Um dia após o outro, a mesma coisa. As mesmas pessoas. O mesmo programa. A mesma sensação de não se encaixar na turma, em casa, na vida. Tédio, tédio, tédio. Parece a ladainha, o mantra recitado monotonamente pelos escritores que arriscam falar sobre a juventude. É livro sobre jovens? Dá-lhe relações confusas ou superficiais com os pais, inadequação na escola, falta de idéias, falta de perspectivas, revolta, álcool, drogas, sexo — não necessariamente nessa ordem. Tédio, tédio, tédio. Há tempos não leio nada que mude essa idéia preestabelecida por mim mesma.

Ao espiar as orelhas dos livros, sempre me deparo com algum comentário que me faz acreditar que, realmente, escritores que se aventuram a “decifrar” a juventude, não estão lá com a bola muito cheia. Quando li a orelha e a contracapa de **Hoje está um dia morto**, de André de Leones, até pensei que poderia estar diante de uma obra diferente. Moacyr Scliar e Luiz Antonio de Assis Brasil consideraram o romance o melhor inscrito no Prêmio Sesc de Literatura 2005 e, de quebra, derramaram-se em elogios ao escritor goiano. À narrativa, ao conteúdo, à forma como ele trata e retrata a juventude nacional. Ou melhor, mundial... “Não é um reviver do tedium vitae [...], mas algo muito mais denso que engloba não apenas o indivíduo, mas toda a sociedade, minando-a em seus fundamentos e negando-lhe um futuro. A quebra de paradigmas decorrentes da queda do Muro de Berlim levou-nos a um grande ponto de interrogação, a ser respondido pela Literatura, mesmo que esta se desvincule do comum das ruas”, diz Assis Brasil. Foi longe! Já Scliar afirma que **Hoje está um dia morto** é um livro surpreendente.

Li o romance premiado e recomendado. Não é uma obra ruim. Mas também não é lá grande literatura. Para o meu gosto, faltaram o algo mais que prometeu Assis Brasil e as surpresas propagadas por Scliar. O que tem de sobra é a falta de perspectivas do casal de protagonistas, Jean e Fabiana. E aquela sensação de que eles não se encaixam na turma, na casa, na vida. Ou seja... parece um livro lido. E relido. Várias vezes.

A história peca pela previsibilidade — até mesmo ao apresentar um “final surpreendente”. Na verdade, o final é mais um choque do que uma surpresa. Mas, vá lá, até consegue fazer com que a leitura — mesmo que no finzinho — tenha um sobressalto. Na mesma medida em que a história carece de emoção e novidade, no entanto, a linguagem que Leones escolheu é muitíssimo apropriada. Ao contrário da monótona vida do casal cinzento que passeia pela obra — minha impressão é de que eles têm sempre cabeça baixa e tênis chutando as pedrinhas do caminho —, a narrativa é ágil, descritiva e colorida, de certa forma. É aí que o livro ganha um pouco mais de força. É uma linguagem simples, comum, apropriada aos protagonistas retratados na história.

Minuto de silêncio. Jean trouxe um livro no bolso da jaqueta, O Castelo. Quando Fabiana perguntou por que ele estava levando um livro para um boteco, ele não respondeu. Não sabia e sentia um pouco de vergonha por isso. Não planejava sentar-se à mesa no bar e abrir o livro, mesmo que o



Hoje está um dia morto
André de Leones
Record
157 págs.



ANDRÉ DE LEONES: somente uma linguagem apropriada.

lugar estivesse vazio, como de fato está. Mas trouxe o livro. Fabiana lembra-se deste detalhe agora:

- Odeio ler. Prefiro ir à praia.
- Aqui não tem praia.
- Pra você ver o quanto minha vida é sacal. (p. 101)

A narrativa tem muito de cinematográfica. Provavelmente porque André de Leones é formado em cinema. Em uma entrevista para o Sesc, ele diz que a idéia para o livro surgiu, na verdade, de um roteiro para cinema. Mas que tratamento após tratamento, a narrativa perdeu os traços do cinema e virou “literatura pura”. Não a meu ver. Para mim, é muitíssimo cinematográfica a seqüência a seguir, que intercala diálogos de Jean e a diretora da escola, e de Fabiana com a bibliotecária:

- Ainda lê muito, Jean?
- Não o bastante.
- E quanto seria o bastante?
- Até a cabeça estourar.
- É que não é um livro como esse seu.
- E como é, então?
- Diferente.
- Por quê?
- Porque sim, ué. Porque sim.

- O que você lê?
- De tudo.
- Por exemplo?
- O Estrangeiro.
- Kafka?
- Jean sorri.
- Desculpe.
- Sem problema. Foi engraçado.

- Sei. Esses livros malucos, escritos por malucos para gente maluca.
- Por aí.
- Então você é maluca, garota?
- Maluquinha.
- E lê só essas coisas para se sentir mais maluca?
- Por aí.
- Aposto que gosta de rock. (p. 58 e 59)

Só faltou o “corte seco para Jean, sorriso de canto de boca, olhando para a freira”. Ou algo parecido. Felizmente ele usou esse tipo de artifício. Deu uma agilidade importante para o livro. Que poderia se arrastar e arrastar e morrer antes mesmo de chegar à praia, não fosse essa escolha.

Hoje está um dia morto é um livro de estréia (e é sempre louvável alguém se arriscar a publicar). Apesar dos altos e baixos, dá seu recado — embora seja um recado um tanto antigo. Agora é esperar o próximo livro — que já deve estar na cabeça de Leones — para ver o amadurecimento do escritor. Ou não. 📖

André de Leones tem 26 anos e mora em Goiânia (GO). É formado em cinema e estuda jornalismo. Vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2005, *Hoje está um dia morto* é seu primeiro livro.